

EDITORIAL

“Além disso, meu filho, fica atento:
fazer livros é um trabalho sem fim,
e muito estudo cansa o corpo.”
(Ecl 12,12)

Essa citação de Eclesiastes ou Coélet nos vem à mente quando contemplamos o resultado de mais este número de *Estudos Bíblicos*, uma vez que jamais terá fim o exercício de estudo e interpretação da Bíblia!

A intenção do grupo de biblistas que uniu esforços para realizar esse trabalho foi recolocar em pauta a importância, jamais superada e insuperável, de se tomar o texto bíblico com todo o respeito e atenção que ele merece. Todo trabalho para ser bem realizado necessita de *método*, o mesmo se aplica para o estudo da Bíblia, ainda mais que ela, além de ser uma obra literária, é acolhida pelas igrejas e pelo judaísmo como Palavra de Deus. Como afirma o documento da Pontifícia Comissão Bíblica (PCB) – *A Interpretação da Bíblia na Igreja* – “esta convicção de fé tem como consequência a prática da atualização e da inculturação da mensagem bíblica” (p. 139 – Edições Paulinas). Para atualizar e inculturar a Palavra de Deus importa conhecer, com fidelidade, o que o texto da mesma quer nos dizer.

Não é segredo que, nos tempos atuais, enfrenta-se uma forte tendência ao fundamentalismo, pois é “atraente para as pessoas que procuram respostas bíblicas para seus problemas da vida” (*op. cit.*, p. 86). O fundamentalismo é a prática de tomar tudo aquilo que está escrito na Bíblia como isento de erro e interpretá-lo literalmente em todos os particulares. Como reconhece o documento já citado da PCB, a leitura fundamentalista recusa-se a levar em conta o caráter histórico da revelação bíblica (cf. *ibid.*, p. 83), caráter esse que marcou a linguagem e a mensagem da mesma. Tal procedimento é perigoso, pois oferece “interpretações piedosas, mas ilusórias, ao invés de lhes dizer que a Bíblia não contém necessariamente uma resposta imediata a cada um desses problemas” (*ibid.*, p. 86).

Este número de *Estudos Bíblicos* divide-se em duas partes: a primeira pretende fornecer tanto o método para se utilizar os instrumentos que temos ao nosso dispor para bem estudarmos os textos bíblicos, como os conhecimentos básicos para que isso aconteça (Parte I). A segunda parte deseja oferecer exemplos de como esse estudo se dá na prática através da análise do livro de Rute sob o viés rabínico-judaico, histórico-crítico, narrativo, socioantropológico e psicológico-feminino (Parte II). Outros enfoques poderiam e podem ser empregados na análise de qualquer outro texto bíblico, esses foram escolhidos somente para demonstrar a amplitude e riqueza que as várias abordagens da Bíblia podem nos proporcionar.

O primeiro artigo, de Johan Konings e Súsie Helena Ribeiro, pretende ser uma segura indicação das “coisas que precisam ser feitas” pelas pessoas e comunidades desejosas de estudar a Bíblia. O objetivo é partir do texto para atingir a vida das pessoas e desta, retornando novamente, ao texto bíblico, que sempre é a nossa referência. Para tanto, é preciso vários “olhares”, primeiramente, o “inter-esse” pelo texto bíblico, interrogando-o e deixando-se interpelar por ele. Depois, “olha-se bem” o texto, pois “importa ver com atenção que parte da Bíblia se vai estudar, o que ali está escrito exatamente, que lugar ocupa, se constitui um texto coerente e tais coisas mais.” Em seguida, o “olhar histórico-literário” irá se interessar pelos fatos, as palavras citadas e a gênese histórica do texto. Esta foi a análise denominada diacrônica do texto. Importa, agora, realizar a análise sincrônica, que a complementa. O interesse, agora, é por aquilo que “o texto significa, não só segundo a intenção explícita de quem o concebeu – pois esse não está mais aqui, ‘o autor morreu’ – mas também segundo a própria potencialidade do texto, que agora talvez diga mais do que o autor conscientemente quis dizer.” Agora que se tem em mãos a análise diacrônica e sincrônica do texto, pode-se perceber que o texto “desdobra-se num mundo de significação” que lhe permite falar a nós hoje. Esse é o momento hermenêutico do texto bíblico. Interessante notar que, nessa “agenda” de trabalhos proposta por Konings e Súsie Helena, há tarefas para todos: pessoas comuns da comunidade que lêem com atenção, biblistas, teólogos, historiadores, lingüistas, culturalistas e “sábios”.

Complementando o que esse primeiro artigo aborda, o segundo, de autoria de Cássio Murilo Dias da Silva, deseja ajudar-nos a perceber que “caso leiamos a Bíblia de forma empírica, isto é, sem um método [...] muito da riqueza do texto bíblico passa despercebida aos nossos olhos e corremos o risco de nos contentar com o que não é importante. Ou, o que é pior, corremos o risco de pensar que o texto bíblico diz algo que ele não diz”. Por isso, Cássio Murilo preocupa-se em tornar mais preciso e adequado o vocabulário sobre metodologia de estudo bíblico. Em seguida, demonstra quais as vantagens em se aplicar um método a um determinado texto da Bíblia. Para tal, ele analisa a períclope da cura do cego Bartimeu (Mc 10,46-52). E o que aconteceria se não fosse empregado nenhum método na análise desse texto? Acompanhe o artigo e muitas surpresas aparecerão!

Os métodos de análise bíblica terminam por levantar, de modo direto ou indireto, a questão se os fatos narrados pela Bíblia são históricos, ou seja, verdadeiros, ou invenções, lendas e fantasias de seus autores. O terceiro artigo da primeira parte deste número de *Estudos Bíblicos*, redigido por Telmo José Amaral de Figueiredo, se ocupará dessa intrincada questão. Afinal, a Bíblia é formada por um conjunto de mitos ou ela narra a verdade dos fatos? A resposta a essa questão acabará por ser encontrada na clarificação dos termos que a compõem, isto é, o que é mito, o que vem a ser história? Ver-se-á que “a linguagem mítica na Bíblia, especialmente no Antigo Testamento, não serve para camuflar uma realidade histórica, mas exatamente o contrário, serve para expressar narrativamente como se realizou, nos acasos da história do universo e de Israel, aquilo que os redatores compreendiam como a ordem do plano de Deus desde os inícios do mundo e de Israel.” Telmo José exemplifica a sua explicação com a análi-

se de Gênesis 1 e trechos do poema babilônico Enuma Elish e o hino egípcio a Aton sobre a criação do mundo.

Encerrando a primeira parte deste número de *Estudos Bíblicos*, temos o artigo de Jacir de Freitas Faria, fornecendo úteis e importantes indicações para se ler com proveito um tipo de literatura que tem atraído sempre mais pessoas nela interessadas. Estamos falando dos apócrifos, especialmente, aqueles do Novo Testamento. Jacir nos proporciona “ferramentas” e critérios para discernir os vários tipos de apócrifos que temos na atualidade. Esse artigo se preocupará em mostrar como que “a literatura apócrifa do Segundo Testamento contribuiu sobremaneira para manter viva a fé no imaginário popular. São histórias de piedade que se transformaram em poesia, canto, pinturas, músicas e expressões devocionais.” A nossa catequese, a música popular brasileira, os benditos e acalentos, bem como os ofícios e cantorias populares expressam muito daquilo que os apócrifos nos contaram. Vamos conferir!

Abrindo a segunda parte desta revista, que nos traz exemplos de variadas metodologias de estudo bíblico aplicadas ao livro de Rute, o rabino Leonardo Alanati justifica a escolha desse texto, pois “o livro de Rute é diferente de todos os outros livros da Bíblia Hebraica. Não existem eventos ligados à política nacional, não há revelações nem intervenções divinas. Nenhum milagre. As escolhas são individuais e não guiadas por profetas. Eis um texto bíblico que valoriza os atos cotidianos de bondade.” O rabino Alanati contextualiza o livro de Rute no interior da liturgia e teologia judaicas. Extrai dele as principais lições para a espiritualidade e prática religiosa do judaísmo desde os tempos antigos até o presente. Entre essas lições, destaca-se Rute como “mulher solidária, corajosa, decidida, verdadeiramente admirável, permanecerá sempre no coração judaico como ancestral não apenas de líderes ilustres do passado, mas também do líder que levará a humanidade a uma nova era de paz, solidariedade, justiça e amor ao próximo.”

Costuma-se dizer que “aquilo que é bom dura para sempre”. Podemos dedicar, sem medo de errar, tal conceito ao método histórico-crítico de análise bíblica. José Luiz Gonzaga do Prado aplica as oito etapas tradicionais desse método ao estudo do livro de Rute. Enganam-se aqueles que atribuem a esse método uma objetividade muito fria e uma mania de dissecação pura e simples do texto. Como afirma a PCB (*op. cit.*, p. 41) esse método “procura elucidar os processos históricos de produção dos textos bíblicos, processos diacrônicos algumas vezes complicados e de longa duração.” A situação de tempo e espaço na qual se encontravam os destinatários originais do texto bíblico é também descoberta durante o processo de investigação, o que ajuda na determinação de seu genuíno sentido. O “sabor feminino” do texto e a sua qualidade estético-literária são algumas das características reveladas pelo estudo de José Luiz. Um “fato, em si corriqueiro, adquiriu importância pela beleza e capricho da composição do relato, especialmente se visto como alegoria ou midrax da tradição do povo, desde o período tribal até a restauração pós-exílica.”

De uns anos para cá vem crescendo o emprego da análise narrativa no estudo dos textos bíblicos. A razão disso é óbvia, finalmente é um dado adquirido e solidificado

que a Bíblia é Palavra de Deus, mas chegou até as nossas mãos como literatura. E, como tal, ela possui a mesma fisionomia da literatura denominada profana, como destaca Jaldemir Vitorio em seu artigo: “Deus fala a linguagem humana para ser entendido.” A sua Palavra vem revestida pela palavra humana com todos os seus condicionamentos e beleza. Jaldemir emprega a técnica da análise narrativa que destaca no interior do texto: a intriga, os personagens, a focalização, a temporalidade, o contexto e, finalmente, o ponto de vista. Como conclui Jaldemir, “a análise narrativa tem o mérito de aproximar o texto bíblico do leitor-intérprete atual ao mostrar como os autores bíblicos trabalharam de forma idêntica como trabalham os narradores atuais, tão distantes no tempo e no espaço.”

Enquanto a análise narrativa interessa-se pelo jogo cênico criado pelo autor do texto empregando personagens, ambientes, tempo, foco de interesse e pela interpretação que dele emerge, há outra forma de estudo bíblico que, além de ocupar-se com as informações fornecidas pela narrativa, irá investigar e tentar descobrir o “imaginário do autor/a que gera a narrativa, o mundo real fora do livro, a construção social e ideológica deste mundo pelo autor/a para atingir um objetivo.” Essa é a tarefa da qual se incumbem Airton José da Silva, que realiza uma leitura socioantropológica do livro de Rute. Um duplo olhar se faz necessário nesse tipo de leitura, ambos orientados no sentido da sociedade, sendo um “para a sociedade que aparece *dentro do texto*”, e outro, “para a sociedade que aparece *por trás do texto*, investigando a situação na qual e para a qual o livro foi escrito.” Como fruto desse duplo olhar, Airton conclui que o livro busca “fortalecer o clã, contra a tendência global, gerada pela política imperial persa e por seus agentes de Jerusalém”. A personagem principal, Rute, “na verdade, o estrangeiro/a, diz o autor/a da estória, não destrói a identidade judaíta, como pensam os líderes de Jerusalém, mas a revela.”

Concluindo a segunda parte e fechando com chave de ouro este número de *Estudos Bíblicos*, Maria Aparecida Duque e Rosana Pulga nos brindam com uma bela e penetrante análise feminina e psicológica do livro de Rute. Os personagens femininos principais, ou seja, Noemi, Orfa, Rute, passam por um crivo psicológico, porém a atenção principal das autoras se volta para o tipo de relacionamento estabelecido entre a sogra, Noemi, e a nora, Rute. Percebe-se a completa renúncia e anulação pessoal de Rute a favor dos projetos de sua sogra que deseja resgatar sua terra que ficou em Israel, bem como o nome de sua família por meio de um filho nascido de sua nora, mas atribuído a ela. O dilema sogra-nora é analisado em pormenores, principalmente pela ótica do poder e da subserviência de uma pessoa a outra. Merece ser lida e apreciada essa perspicaz leitura feita dessas duas personagens femininas, pois grandes lições poderão ser extraídas para a nossa vida, também hoje!

Desculpando-me por ter-me estendido tanto neste editorial, entrego aos(as) estimados(as) leitores(as) mais este número de *Estudos Bíblicos* para servir a todos(as) que amam e desejam tirar o máximo proveito de sua leitura atenta das Sagradas Escrituras.

Telmo José Amaral de Figueiredo